The interview is with an activist of MABE, Movimento dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara (Movement of those Affected by the Space Centre of Alcântara, Maranhão, Brazil). MABE is an organization that brings together the communities of the ethnic territories of Alcântara in the defence of their rights and their dignity in the face of the environmental damages caused by the installation of the rocket launching base of the Brazilian Space Agency. MABE works with local quilombos (communities of people descended from black people who escaped enslavement) to maintain what their ancestors achieved - possession of the land and the right to live an autonomous way of life.

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**LUCIANE:**

Deixa eu colocar aqui o gravador… A senhora me dá autorização para gravar?

**XXXX:**

Dou sim.

**LUCIANE:**

Deixa eu posicionar, aqui, nem bonitona.

**LUCIANE:**

Acho que seria bom tirar essas coisas daí. Está aparecendo tudo…

**XXXX:**

Vou colocar lá na cama (...) Estou com um problemão na vista, vou operar de cataratas (...)

**LUCIANE:**

São quase 9 e meia agora, a gente começa, a hora que a senhora falar “*não tenho mais tempo, tenho que mexer nas minhas coisas*” a gente pára, está bom?

**XXXX:**

Porque eu vou sair… na comunidade para colher assinaturas das sócias. Das associadas.

**LUCIANE:**

É isso aí.

Então vamos começar. Ops. [...]

A senhora podia se apresentar? Dizer seu nome, idade…

**XXXX:**

Sim. Eu sou XXXX, tenho 60 anos. Sou moradora da comunidade Quilombola do Itamatatioa [aka Itamatatia], tenho orgulho disso, eu nasci aqui mesmo, nesta comunidade, e… já andei muito, rodei muito. Assim, é… antes, para estudar, a gente tinha que sair. Tive que sair para estudar. Morei um período na Sede, em Alcântara, morei na casa das Irmãs com os padres, e, depois, voltei para cá, morei em Guimarães por um tempo, era interno, na Escola da Fé de Guimarães, junto com Irmãs, padres. E aí, me tornei catequista desta comunidade. E, depois, fiz cursos, fui professora por 30 anos..

**LUCIANE:**

Professora de quê?

**XXXX:**

Era professoras de… Enfim, português, matemática, de tudo, não é? Porque, antigamente, o professor ensinava tudo: Português, Matemática, Ciências... Hoje não, hoje cada pessoa faz um disciplina e, nesse tempo, todas as disciplinas eram comigo. Pois é...

**LUCIANE:**

E a senhora ensinou aqui nas...?

**XXXX:**

Muito tempo, 30 anos, Aí, me aposentei. Aposentei por tempo de serviço, já estou aposentada acho que há uns 6 anos, ou mais... uns 8 anos que eu não trabalhei mais. Só em casa. Aí, vim, fiquei na comunidade mesmo trabalhando com o pessoal, assim, enfim… É, fiquei na Associação e hoje eu sou secretária da Associação. Pois é. Por isso que quando não tem… Quando a gente está necessitando de assinaturas e a gente não tem como fazer a audiência, não tem como fazer as reuniões… eu tenho que ir nas casas pegar as assinaturas dos sócios.

**LUCIANE:**

E como é que funciona a Associação?

**XXXX:**

A Associação ela já é de longas datas, desde 1900 e… nem me lembro. Não sei se é de 90, 80 e poucos.. não sei. E, a cada período, às vezes, recebe um projeto e é bem vindo, não é? E essa Associação já recebeu vários projetos, projetos bons, que veio satisfazer a comunidade. Temos um poço artesiano, e foi pela Associação. Temos esse centro de produção, pela Associação. Temos casa de farinha, pela Associação. Enfim, são muitos projetos. E, graças à Deus, é bem abençoado porque todo projeto que nós começamos nós terminamos. E, tem lucrativo… Essas casas da Minha Casa Minha Vida, a Associação é… ganhou e pronto. E aqui vem muita gente. No período que José Reinaldo Tavares era governador, ele veio aqui. Pela primeira vez um avião pousou lá no centro, em frente à Igreja. Muita gente… Recebemos com toque de caixa, foi muito bom, muito bom. Foi da vez que ele veio para entregar três projetos de uma só vez que foram: casa de Farinha, o Centro de Produção e o Poço Artesiano. Pois é.

**LUCIANE:**

E esse novo projeto, agora, que a Senhora vai colher assinaturas é para quê?

**XXXX:**

De sustentabilidade da comunidade. É um projeto que todas as Associações tiveram que entrar, abraçaram, então aqui é o centro, é o pé da coisa! Então, todas as outras comunidades, enfim, elas vêm para cá, a nos reunimos na igreja, nos reunimos no Centro de Produção e… é para ter sustentabilidade e caminhar também. Porque, aqui, essa terra, é muito grande. Ela tem 55 mil hectares e moram… Aqui no Itamatatioa tem as comunidades vizinhas, Iemocajituba, Tubarão, Olhabal, Raimundo do Sul, tudo, enfim, aqui que é o centro da coisa. Aqui que comanda mesmo. E quando as pessoas querem se aposentar, e Dona Neide toma conta também, do negócio da terra, e… Quando querem se aposentar, aí ela prepara um documento e passam para as pessoas. Todo mundo aqui, quando tem que se aposentar, trabalhador rural, trabalhadores e trabalhadoras… Aí, eles se aposentam. Nessa aposentadoria, tem que ter o documento aqui da terra, e a gente não tem, enfim, assim, um documento, mas Dona Neide tem o… ela tem um documento que é pela fundação Palmares, não é, e é esse que assegura a gente.

Nós temo um bolão do Governo Federal, aí… enfim

[telefone tocando]

**LUCIANE:**

É o seu?

**XXXX:**

É.

**LUCIANE:**

Pode ir lá…

[telefone tocando]

[...]

**XXXX:**

Pois é, voltei.

**LUCIANE:**

Então...

**XXXX:**

É a cada hora, toda hora [risos]

**LUCIANE:**

Isso, não tem problema não.

**XXXX:**

É a menina que está me ligando para eu fornecer uns dados de documentos para ela.

**LUCIANE:**

Ah…

E, a senhora pode me contar um pouco da história desse Quilombo? Como que começou, qual a história que a senhora ouviu...

**XXXX:**

A história que eu ouvi… A história que eu ouvi foi a seguinte: primeiro, começando assim, é… nas terras. Depois vamos para Santa Tereza, que é a nossa padroeira, não é. É… essas terras, aqui, como quando eu terminei de falar, que ela é de 55 mil hectares, como foi para a gente ser, ter essa terra. Antes, essa terra aqui era quase como um terra assim escondida. Quando os brancos, não é, os ricos, é… descobriram que tinha aqui essa terra, e já existia donos, assim, as pessoas que moravam aqui. Ou seja, aqui também tem parte de indígenas. As terras que antes foram os índios, dos índios foram as pessoas antigas que moravam mesmo, se tornaram… aqui, não tem descendente mesmo de pessoa que a gente conhece, mas foi de outro tempo ainda que era uma terra indígena.

Então, aí essa terra foi o seguinte: vieram os brancos para cá, tomaram conta dessas terras, eles tinham fazendas, eles tinham tudo… Tinham tudo. E já existia. Quando eles chegaram, já existia é… uns negros aqui, não é, que eles queriam botar para andar, para tomar conta daqui, e que onde esses brancos que vieram, eles tomaram, assim, posse, mandavam em tudo, e mandaram o povo daqui se afastar e ir embora.

Inclusive, ainda foram algumas pessoas embora daqui, foram lá para os Matão, para o Goiabal. Tiraram as pessoas daqui. Aqui, aí no meio do sítio, era tipo uma praça.

E Santa Tereza, eu não sei quando que ela veio para cá, já existia, e ela por ser uma Santa tão milagrosa que ela… é, ficou. Era para eles o quê? Eles queriam cambar, levar mas houve umas histórias, que eu ainda vou chegar lá, para eu contar como foi para ela ter ficado aqui.

É, os meus pais, o meu tio Eurico, que era o pai da Neide, ainda não eram grandes nesse tempo. Eram os avós deles ainda contavam para eles. Aí vem essa história longa, contando de pai para filho, de filho para… Então, pois é.

Por aqui ser uma terra indígena, aí por isso que tem o nome de Itamatatioa. Alguém diz assim “*Itamatatioa é pedra, peixe e rio*”, não é, porque aqui diziam que nessa região tinha muita tamataia, então é Itamatatioa. Mas pelo o que um colega meu, o Eudimárcio Guimarães, muito… que era antigo mesmo. Sempre eu, quando estava no curso lá em Alcântara eu encostava lá na casa dele, para ele me dizer. Eu dizia “*eu moro ali mas ela tem que ter um sentido*”. Ele dizia “*não, minha filha*”. Aí, eu dizia “*eu quero saber se é… pedra, peixe e rio*”. Aí, ele disse assim “*você sabe? Itamatatioa porque era Ita você sabe, que na língua dos índio, Ita é pedra. Pedra.”* E o ti… E Ita mata que o pessoal diz, que era um peixe da região, mas ele dizia que era mata, que era mata grande. E tioa era as matas pequenas. Aí era ita mata tio e minúsculo. E isso ele me dizia.

Mas aí nós tivemos um amigo, chamado Iban, uma pessoa muito querida aqui na comunidade. Muito, muito mesmo. Inclusive, é o padrinho meu, não é. Então, que aí ele fez um estudo. Não sei nem aonde foi. Se foi no Maranhão, não sei. Aí ele disse que era pedra, peixe e rio.

Então, essa… esse período desses outros negros de antigamente, aqui eles vigiavam quando o pessoal que entraram aqui, e massacraram e mandaram alguém ir embora, mas teve alguns descendentes que não foram embora.

Aí, tentaram. E a santa, por ser tão milagrosa… Eles tinham aqui, os senhores, eles tinham um paiol de armas para fuzilar as pessoas que… ou saía ou era fuzilado. Mas com Santa Tereza, dizem que, também, que Santa Tereza veio para cá com as carmelitas. As moças que eram da ordem do Carmo, não é, que eram freiras e cuidavam… Dizem que trouxeram ela. E, até, enfim, Seu Edmar faleceu e eu não cheguei no pé da coisa. Seu Edmar faleceu para mim, assim, tão rápido que não deu tempo. Eu disse que eu queria escrever, fazer.. Eu ainda escrevi em um livro ali: meu tesouro. E esse meu tesouro era pra eu saber contar a origem mesmo. Mas, enfim, ele faleceu.

E, ele disse que antigamente, as pessoas não chamavam Santa Tereza, era Sinhá Tereza. Santa Branca. Era uma pessoa branca, que ela morreu e se encarnou de uma santa, que o nome dela era Tereza D’ávila. Santa Tereza D’ávila. Ela era Tereza D’ávila. E que o pai não acreditava que ela queria ser Freira. E ela fugia de casa, ela ia para o convento. E ela, por ser tão ótima como pessoa, ela pegou e disse que ela ia cuidar de doentes, que ela queria ser… Hoje, Santa Tereza é uma Doutora da igreja. E eu tenho tanta fé. Tanta fé.   
Aí, quando chegou uma noite, do dia … ela nasceu, e no dia que ela nasceu, a mesma data do nascimento ela faleceu, não é. Então, quando ela foi sepultada, com os dias, os padres foram visitar a cova e estava rachada. Então ela foi para onde? Dizem assim: essa é a Santa Tereza de verdade. Então, essa ficou em uma.. e eles tiveram que… é… arrumar outra, que essa também batizaram, não é. Que esta é..

E diziam “Santa Tereza, antigamente, ia no poço do chorão e a gente via as pegadinhas dela na areia”. Mas eu não cheguei a ver isso. Os meus pais que me contavam: “essa santa é muito milagrosa, minha filha.” E, pra mim, ela faz milagre. Eu tenho muita fé. Muita, muita.

Pois é. E o pessoal chamava assim, antes, hoje é Santa Tereza. Mas era Sinhá porque era uma pessoa, uma doutora, mesmo, Sinhá Tereza. Por isso que a gente diz que ela é a Doutora da Igreja, porque a gente faz muita gente vir para cá… Se você ver o dia de Santa Tereza aqui é muita gente. Outro com vela do mesmo tamanho, outro com costão, outro com cabeça, andando de joelhos indo para… Meu Deus, dá muita gente aqui. Assim, se um dia você ver, está para acontecer já. Infelizmente você ainda não pegou.

E, por isso, é… Aí, quando chegou um dia, aí veio esses brancos tomar conta. Tomaram conta, tomaram conta de Igreja, de tudo, de tudo, de tudo. Tomaram conta desta Igreja, mandaram, inclusive, pessoas que até moravam em Goiabal, e quando já tinha um restinho de pessoas para ir embora, e eles tinham canaviais, não é.

Aí, Deus mandou um menino, daqui mesmo da comunidade, não é. Segundo meu pai, ele dizia que era o irmão dele, o tio Ângelo. Ele saiu caladinho, junto com outro coleguinha, e ateou fogo no canavial.

Aí isso explodiu, as carteiras subiram muito, queimaram, e eles juntaram todas as coisas e falaram a gente vai embora daqui, mas antes de acontecer isso.

Eles estavam um dia, parece na capela baixa ainda, e estava um sino da capela. Aí diz que o sino, 12 horas, os doutores estavam todos deitados, descansando, e deu 3 badaladas no sino. Pam! Pam! Pam! Aí, disse veio uma voz tão forte, que todo mundo ouviu: “*nós somos combatidos mas não seremos vencidos*”. Eles disseram que eram os anjos de Santa Tereza que… Então, nós somos combatidos mas não seremos vencidos. Aí, nessas alturas, o paiol de arma se explodiu tudinho. Ta ta ta ta! Pow pow pow!

E, aí os negros que eram surrados, quase que todos os dias, mas tinham que ser os escravos, correram para o lado e diziam “*aí meu deus, sinhozinho vai me matar! Sinhozinho vai me matar!*” Aí, eles viram que aconteceu isso, e aí diz que eles se zangaram, colocaram as coisas tudinho aqui, nas carroças, nos carros de boi, porque não tinha esses carros de hoje, não é.

Aí, tinha nesse período os carros.. aí disse que eles botaram. E o porto daqui, é muito longe, que chama-se Inácio… Não, Manuel Ribeiro, não é? Lá para ali…

Muito longe. Mocanandioa, para ali. Joaquim dos Santos, que eles tinham que embarcar, porque o navio, o navio não, o barco que levava eles ficavam para lá, porque não tinha um igarapé próximo para o barco entrar… Aí, eles saíam, eles disseram que colocaram Santa Tereza na carroça lá, no boi, aí botaram as três santas arrumadas para ir...

**LUCIANE:**

… Os negros?

**XXXX:**

Não, os brancos que estavam fugindo daqui já irritados, chateados, porque os paiols de arma que eles esperavam, acho que brigas, tinha se explodido tudo.

Aí, eles foram embora. Quando chegaram… Foram, quando chegaram lá, um pouquinho longe, que tem umas carnaubeiras ali, aí disse que eles tangiou os animais, os animais sem querer, e eles, pronto. Nós vamos perder essa maré, porque o barco era por maré, não é como o Ferryboat que anda toda hora. Lá era por maré, e nós vamos perder essa maré. Vamos deixar essa Santa, rapaz! [risos] Ela está nos atrapalhando.

Aí, tangiu os burros, os cavalos, os jumentos: nada. Jumento se enfrenhou, eles largaram a Santa, e foram embora. Pegaram o barco e foram embora com Deus. [risos] E nós ficamos… Nós, os meus pais, meus avós, ficaram aqui, e ficaram sendo os donos mesmo. Os originais. Pegaram Santa Teresa e aí fizeram outra capela, botaram. Não era essa ainda, porque essa que está construída aqui, ela é de 1900 e… 50. É a idade que ela foi construída. E mamãe estava grávida dela. Minha mãe ainda não tinha eu.

**LUCIANE:**

Ela é a sua irmã?

**XXXX:**

É, minha irmã.

**LUCIANE:**

A senhora não quer sentar?

**XXXX:**

Senta minha filha… Então, aí foi dessa maneira que os velhos contavam. Eu sempre fui curiosa, querendo saber, e aí eu procurava a velha Zuleide. Uma senhora, eu não sei se você já viu, uma senhora que morreu com cento e…

**LUCIANE:**

103.

**XXXX:**

103 anos. A tia Zuleide contava coisa, o tio Eurico, e a gente não sabia aproveitar esses velhos. Para hoje a gente ter, eu queria escrever o meu livro, eu comprei, está ali, está até mofando, meu tesouro. Mas eu vou um dia… Um dia, conversando com a tia Benita, a Tabelião do primeiro ofício de Alcântara, e minha filha foi criada com ela, ela dizia: “oh, comadre XXXX, aqui tem tanta coisa.” E eu queria fazer umas pesquisas, e eu não fui na mocidade, mas na velhice eu vou. Porque eu tenho que deixar essa história para os meus netos. Porque os meus filhos… Mas meus filhos também, não é? A minha mais velha tem 38 anos. Minha filha mais velha.

**LUCIANE:**

Minha idade.

**XXXX:**

É? Ela é enfermeira, mora em Alcântara, ela foi criada por Dona Benita, não é, que era a Tabelião do primeiro ofício, e que tem tanta coisa. Ela sabe muita coisa Dona Benita. Mas às vezes nós não encontramos ela. Ela vai muito para São Luís, a mãe dela, quando estava viva, aí mesmo que ela quase nem vinha aqui, porque … Aí, com essa história de mudança, de cartório, de tudo, aí ela foi aposentada, não é. E ela era professora também. Aí se aposentou. Agora ela está fazendo, está fazendo, é… Ela está fazendo mestrado já, para poder… Então, o que que acontece: é dessa maneira, assim, contando esses detalhes, que eu pego um gancho de um, um gancho de outro para mim saber, mas eu ainda tenho curiosidade. Por isso que eu vou atrás da tia Benita, que é a minha comadre, para a gente conversar, para que eu tenha uma conclusão certa.

Qual é? Porque dizem assim: “dizem..”, “alguém me disse”, “fulano me disse”. Como seu Edmar conversava muito comigo, ele morreu velhinho, ali ele dizia, parecia que ele ia adivinhar, ele dizia: “XXXX, eu quero te passar isso daí tudinho, antes que eu vá. Eu estou perto de morrer, já estou com uns cansaços”. “Aí, que nada seu Edmar!”, aí eu começava a dizer para ele. Aí, quando ele disse assim: “oh, quando eu morrer, eu vou, eles vão mandar te chamar, esteja onde você estiver, eles vão bater caixa pra mim… porque você toca a caixa do divino. O divino, na minha cabeceira, se pudesse trazer a Sinhá Teresa, que eles chamavam ainda, botar na minha cabeceira, quando eu estiver morto… XXXX, se tu puder, tu traz.”

Aí, eu ria dela, nunca pensava que ia acontecer uma coisa assim. Quando chegou, o que, está com três anos, dois ou três anos. Três anos. Aí, eu cheguei em Alcântara, por acaso, eu cheguei em Alcântara. Aí, passei lá no hotel onde ele gostava de se hospedar, que ele era dono de muita riqueza aí, o Governo foi tomando as casas, foi desapropriando, e ele foi se injuriando, e ele morreu mais de injúria. Seu Edmar era muito bacana. Muito, muito. uma pessoa muito querida. E ele dizia “eu tenho essa cor, XXXX, mas eu não tenho orgulho por ela. Eu tenho orgulho de chamar tu de filha.”

**LUCIANE:**

Ele era branco?

**XXXX:**

Branco. Filho das famílias que chamavam “não sei quem Guimarães”. Ele era Edmar Guimarães. E quando minha filha morava com Benita, ele dizia “Maria, eu gosto de tomar o café teu”. Minha filha morava lá, estudava o período que ela estava estudando morava com Benita. Porque quando eu separei do meu marido, eu quase que dei os meus filhos, porque eu não podia ficar com todos, eu tinha 6. Pois é. Aí, Benita, madrinha de Maria, Benita ficou com Maria e ela já estava mocinha. Casou, não deu certo, ela mora só com os filhos. Mas ela é uma mãezona, igual eu, eu sou uma mãezona com os meus filhos.

**LUCIANE:**

E hoje a Senhora mora aqui com quem? Sozinha?

**XXXX:**

Eu moro com o Jackson, que é dos mais novos, e moro com o Sosteles, que é o Antônio, não é, que está morando aqui, mas ele estava morando com minha filha.

Engraçado, minha filha ficou com várias pessoas que estudavam só até a oitava série, tinham que fazer o Ensino Médio para lá. Aí eles iam para a casa dela. Aí ela ficou com muitas crianças lá, criando uma porção. Bita, a filha dela, Cristina, Christiane, Tieta, tudo morava na casa da minha filha. Depois, Ribinha, meu filho, vereador, morou com ela. Aí morou é… a menina de Ana Maria, Ana Paula. Cada pessoa que não tinha para onde ir, minha filha acolhia.

**LUCIANE:**

Que orgulho, hein?

**XXXX:**

Aí, foi. Pegou uma irmã, dois, duas irmãs e um irmão da parte do pai dela, que quando ele separou, ele fez essas… Ela terminou de criar. Hoje são todo mundo lindo. O menino dela estava na Aeronáutica, foi para lá. Eu sei que a casa era uma… Ixi, era uma alegria. Ela todo tempo contente. Ela tem Paulo e Maria Estela, só um casal de filho. Paulo já está no quartel, entrou esse ano. Já teve a formatura dele. E foi engraçado. “Vó, vem na minha formatura”. Aí eu fui. Chegando lá, quem somos aí, ele disse: “vó, com muita honra, a senhora quem vai ser minha madrinha”. Ai, meu Deus, eu fiquei muito feliz. Ah! Até o coronel achou muito engraçado, ele: “oh, essa aqui é a minha avó. A guerreira, minha madrinha da minha formatura”. Foi muito engraçado.

Pois é, e assim que eu conheço a história de Itamatatiua. O que eu quero dizer é, que além de ser viva, aqui é uma terra muito querida. Todas as pessoas que vêm aqui eles se sentem, assim… a gente sente logo.

Eu tenho um colega que ele toca aqui quase todo ano, assim, na festa de Santa Teresa. A primeira vez que ele veio aqui, ele disse assim: “aqui é um Quilombo, não é?” Aí eu disse assim “é, por que?”. Ele disse “a gente sente”. Ele disse que sentia aquele choque no coração. E ele gostou daqui, aí ele “eu quero vir muitos e muitos mais anos”. Aí ele veio, várias vezes. Esse ano que ele não vem porque o pai dele faleceu. Ele mora em Arari. Aí vem os outros colegas, mas só no mastro. Aí, a gente sente. Chegar aqui e sente. Todas as pessoas que nascem aqui tem aquele, não sei, aquele quase que um orgulho: sou de Iatamatatiua. Ibã, chegava aqui, “onde tu mora?”, “eu moro em Iatamatatiua”. Ele sabendo, todo mundo sabia que ele era da Espanha, não é, espanhol. Mas aqui ele morou dois anos, nesta comunidade.

**LUCIANE:**

E o que que é esse orgulho? O que que é ser quilombola?

**XXXX:**

Então, é… a gente, o orgulho que a gente tem, mesmo a gente nascendo neste Quilombo, e a gente tem orgulho quando se sente junto, a gente se sente é… todo parente. Parece que todo mundo é parente aqui. Então, por serem pessoas negras, pessoas de pé descalço, mas a gente tem aquele orgulho, “eu sou de Itamatatiua”. O meu… Oh, essa aí é a Tereza. A gente se sente muito feliz e eu digo “eu sou quilombola.” [risos]

**LUCIANE:**

E a senhora acha que a cultura está sendo mantida? Do passado, do seu avó, do seu pai, a senhora vê transformação?

**XXXX:**

Olha, antigamente, assim até uns anos aqui, o pessoal era muito voltado às culturas. Assim, eu gosto muito do Tambor de Crioula, eu gosto do, assim, gosto do Tambor de Crioula, do forró de caixa que tem aqui. Tem um Forró de Caixa que a gente bate aqui, neguinho dança que só. Aí a gente tem essa festa de Santa tereza, que a gente tem, ela é tradicional, então. Mas a gente sente que também o quilombo tinha que ter essa Santa milagrosa, então, enfim. Nós temos, nós em 1900 e noventa…. em 1994 nós inventamos uma dança de negro. E agora já é as crianças. Nós criamos, foi criada essa dança de negro.

**LUCIANE:**

Como chama?

**XXXX:**

Dança do Negro do Itamatatiua. Nós começamos batendo caixa. Aí a gente batendo caixa aqui: “meu Quilombo tá lindo”. Aí, dançando. “Meu Quilombo está lindo como o quê”. “Meu Quilombo está lindo”. Aí, chamava por acaso. “Vou chamar Ivana para vim vem”. Aí, ela vinha, lá de dentro, com a cabeça amarrada aqui, só no gingado mesmo. Foram as outras meninas. Essas aqui já eram… pendrive. Nós pegamos outros músicas, até música da Bahia, transformou também, e nesse tempo eu vou pegar a minha viola, eu sou um negro… Ah, era muito bacana. E as meninas batiam o maculelê com os cacetinhos, tá, tá, tá. E hoje, elas já batem diferente aqui, depois levantam, bate aqui, vão aqui, tam, e essa é a dança do negro.

E também eu tenho uma paródia que eu, assim, as pessoas gostam de ouvir, não é? Eu tenho essa paródia que eu cantei e começamos na escola isso. A gente tinha que mostrar, porque no dia 16 de julho aqui é o dia da Fundação de Itamatatiua, não é? E a gente sempre, esses dois anos nós não temos feito, assim, esqueceram. Mas na escola…

Hey, meu filho! Essa aí é meu primo. [risos]

Pois é. Mas na escola mesmo, os professores que vem de fora, mas eles mantêm essa tradição, essa cultura viva. Aí, quando chegou, quando foi, que dia foi mesmo?

7,6… de setembro. Nós fomos para Raimundo do Sul. A escola formando, mas no meio das filas, botamos quantas meninas? Seis. Elas com as vestimentas. E eles disseram “rapaz, marcou!” Itamatatiua tem uma comunidade que é só branco. Rapaz, essas meninas, pam, batiam com o cacetinho, pam, no gingado, pam. Ai, mas foi muito engraçado. Eu gostei demais…

Todos os trabalhos, quase dos professores mesmo sendo de fora, eles respeitam, eles falam história, a história por acaso… Não sei quem Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil em 1900 e não sei quanto, tananan. Aí eles já usam mais. Itamatatiua… Mas é isso! A comunidade Quilombola, vasta por tantas não sei o que, tem… A história que eles mais aplicam aqui, é bem pouca do livro. Bem pouca dos livros que vêm… Eles ficam mais focados em cima daqui. Mesmo eles sendo brancos, têm umas meninas que são de Bequimão. A maioria. A maioria é de Bequimão que vem. Eles fazem concurso, passam e pedem para vir para cá. Eles gostam. [risos] É, pois é…

**LUCIANE:**

Agora, mudando um pouquinho de assunto rapidinho. Falar um pouquinho sobre a base de Alcântara. Como é que está essa situação? Qual é o temor da comunidade com relação a base?

**XXXX:**

Olha, pelo o que eu sei, há muita gente, assim, triste por uma parte. Ela veio, ela trouxe um pouco de benefícios, trouxe…

**LUCIANE:**

Quais?

**XXXX:**

Assim, o maior benefício que ela trouxe é que ela acolheu os filhos da gente. Eles entram na base, ganham dinheiro, ajudam os pais, daqui a pouco bota um comercinho. Isso. O único benefício, não é. E eles vieram se apossar da … Aqui não foi atingido ainda, e não vai ser. Mas os que moram perto estão incomodados, muito, porque é ano de lançamento de foguete, essa coisa agora. Eles querem, eles tiraram nesse período um monte de pessoas, fizeram agrovilas, e botaram. Eles já se adaptaram a essas agrovilas. Aí quem morava em Cajueiras, eles fizeram agrovilas e botaram nome Cajueira, Peru, Marudá, todas então… Eles se separaram de onde eles iam fazer a…Onde eles iam montar a base, ter o quartel, que é bonito demais lá no centro. Lá para o centro técnico, é muito bonito. Mas ele pegaram também, ficaram bem perto de uma praia, para lá, que é por onde o navio vem. É bem fundo para lá. É em Mamunas… Mamunas não, é em Marudá. Mamunas eles ainda não tinham mexido, mas estava próximo. Agora como é um ano, de um foguete mais reforçado, eles querem tirar mais outras agrovilas… Outras agrovilas para construir para mais longe. E o pessoal chora, por que? Porque lá tem peixe, lá tem tudo, e eles não dão, assim, aquele suporte para eles terem a comida suficiente. Agora, se eles botarem eles lá [barulhos de fogos] Ah, é Santa Tereza.

Pois é, aí fica difícil, para quem é pobre, meu amor, que tem que pescar. Alimentação deles, mas é peixe, assim, eles gostam da beira do mar. Comer peixe, eles faziam a roça para… Colocar para outro lugar eles vão sentir muito. Porque tem um dizer que é que quem muda, murcha. Para ser remanejado para uma outra comunidade que eles quase nem conhecem, eles choram. Isso aí…

E, também, outra coisa que eles prometeram: que ia ter técnico, ia ter não sei o quê para ajudar eles a cultivar, e no começo teve, depois eles largaram, por conta do povo ter se adaptado nessas agrovilas já que eles estão. Vai ser removido as pessoas até vem, parece que até para o lado do … ali do lado do Castelo, pra eles iam trazer. Não entendo… Mais longe. Aí, eles querem fazer as agrovilas. Tudo bem, tinham pessoas que tinham umas casinhas, quem não quer estar… Eu estou nessa casinha pequena. Mas se for para eu passar mal, eu não quero ir para uma mansão. Eu quero ficar na minha casinha mesmo, não é. Aí, eles sentam, aí eles não dão… Dizem que vai te apoio, mas o pessoal não acredita mais porque já teve a primeira vez, aí eles ficaram “desapoiados”. Aí, eles disseram que não, que vão fazer posto médico para eles, para ficar mais próximo.. Mas ninguém aqui quer mais se mudar de onde está.

**LUCIANE:**

E vocês aqui não estão ameaçados não?

**XXXX:**

Não…

**LUCIANE:**

Mas também ainda não tem a titulação, não é? A propriedade?

**XXXX:**

Aqui, aqui nós só temos um, como é que se chama… Coisa aqui da terra.. uma certidão de autorreconhecimento pela fundação Palmares. Mas nós já temos documento pelo governo Federal, que em 1900… não, em 2005 demos entrada no Governo Federal. Foi nesse período. Estava eu, Dona Neide, é… Borges, que está sempre acompanhando a gente. Estava Ivo, do Centro de cultura Negra. Nós fizemos, tinha nesse tempo a Aconerugue forte, que hoje ela foi extinta, não é, parece.

**LUCIANE:**

Aconerugue é tipo uma Federação?

**XXXX:**

É… Conerugue é só de negros também. Porque tem o Centro de Cultura Negra que você sabe. E tinha a Aconerugue: Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas no Maranhão, que tinha era assim. Então ela foi… Nós andamos… Então ficou essa titulação, arranjamos essa titulação, essa certidão, não é titulação. Certidão de autorreconhecimento da Fundação Palmares. Então, aí nós temos esse documento rege toda a terra, e ele é respeitado muito. Se você vai se aposentar, aí você tem que levar uma certidão por Dona Neide. Aí, ela tira cópia, ela autentica, e fornece a cópia do documento dela. Só pode fazer isso quem é Presidente da Associação de … como é? Associação de Itamatatioa. Associação de mulheres, que nós tentamos mudar de moradores, mas eles não aceitaram e ficamos de mulheres mesmo.

**LUCIANE:**

Quem não aceitou? O cartório?

**XXXX:**

Não. A população: “não tem que ficar”. E depois o cartório mesmo também não aceitou.

**LUCIANE:**

É?

**XXXX:**

É.

**LUCIANE:**

Então vocês têm uma importância muito grande para essa comunidade, não é?

**XXXX:**

Muito, muito.

**LUCIANE:**

Como é que é esse poder, dessas mulheres, que vocês têm aqui?

**45:28**

**XXXX:**

Rapaz, eu vejo em nós, nós quilombolas, nós negras, nós dessa Terra de Santa Tereza, que a gente nunca deixa de chamar Terra de Santa Tereza, a gente diz assim, quando a gente chega em uma reunião, eles dizem: “chegou as poderosas”. [risos]

**MULHER:**

As guerreiras.

**XXXX:**

E toda a… A prefeitura, por onde a gente chega aqui, chega e estão em reunião, eles mandam um ofício para a gente, que estão precisando da gente. E, pois é, o que está regendo, o que está ajudando a gente, é essa certidão de autorreconhecimento.

**MULHER:**

E a gente tem outro documento que é a Pedra.

**XXXX:**

É… A gente tem uma Pedra aí, que era um marco, não era, um marco…. Com licença.

[...]

Era um marco que fizeram, tipo a Fundação de Itamatitioa, ela é assim: Colônia, nós temos essa pedra no documentos, eles nem mostram assim…

**LUCIANE:**

É uma pedra mesmo?

**XXXX:**

É uma pedra, pedra, tipo mármore. Então, diz assim, Colônia Santa Teresa, que aqui era uma colônia. Colônia Santa Teresa mandada edificar pelo padre Pimentel, foi um padre das antigas que mexia em documentos, pelo padre Pimentel, é 1800… A fundação. Fundada em 1875. 1800. Aí passou 1900...

**LUCIANE:**

É…

**XXXX:**

Passou 2000. Já tem um tempão. É muito antiga. Ela foi…

**LUCIANE:**

Acho que tem uma foto dessa pedra lá na Associação.

**XXXX:**

Tem. O velho Eurico, tem um… O pai da Neide, ele tem uma pedra na frente não é? Dele segurando. A Dona Ceci também tem uma foto dela segurando, a foto dessa pedra. E a gente lê um pouquinho…

**LUCIANE:**

Está guardada a sete chaves?

**XXXX:**

Está! [risos]

**LUCIANE:**

Porque é um documento muito importante.

**XXXX:**

Eu tinha um namorado, quando eu me separei do meu ex marido, eu tinha um namorado, aí ele veio aqui, ele quis conhecer. Aí ele fotografou tudinho, ajeitou, e mandou fazer tipo um baú com coisa para colocar a pedra dentro. Foi. Aí o que que aconteceu? Esse baú, que parece eu não sei como foi, ele quase não cabia a pedra. Ele tirou a metragem, mas ele não…

**LUCIANE:**

Na hora de fazer...

**XXXX:**

É… Na hora de fazer, era muito bonitinho, eu disse eu vou guardar isso aqui. Ele disse vocês tem que guardar isso debaixo de sete chaves. Hoje ela é, vestida em alguma coisa, sacos, plásticos, não sei o quê. Embaixo da cama de uma delas aí. As filhas de tio Eurico que ficaram. Quando morre um, o outro fica. Antes, quando era o Tio, primeiro, era o meu vô, chamado Crispim, não era? Aí depois que vovô Crispim morreu, aí foi o Tio Eurico.

**MULHER:**

O pai da Neide e da Ceci.

**XXXX:**

O pai da Neide e da Ceci. Então, que tomou conta dessa terra, dessa pedra, de tudo. Aí, por morte dele, o Senhor Tolentino, que tinha um filho único. Quer dizer, único não, mas um filho só, um filho homem, as outras eram só filhas mulheres. Aí ele disse “*tu que vai tomar conta de tudo, que eu não estou mais dando conta*”. Ele já estava velhinho já, quase para morrer. Aí ele mandou o filho tomar conta, aí o filho tomou. Aí, por morte de Tolentino, é a dona Neide. Mas aí a família todinha ajudou ela, e elas são só mulheres. Ceci, que a gente chama, a Heloísa, a Neide e a Tericha. São quatro irmãs.

**LUCIANE:**

E Denise também já, não é?

**XXXX:**

Denise já é filha já da Neide. Então, Dedeca, que eu chamo, Denise, já está… já vai, com certeza, ela quem já vai comandar depois do falecimento da Dona Neide.

**LUCIANE:**

Verdade...

**XXXX:**

E também o Cleiton, mas a Denise… Mulher em pé de rasga. Pois é minha querida…

**LUCIANE:**

Verdade… Verdade...

É, existe algum traço físico que você olha, assim, e fala assim: esse é quilombola! Ou é mais mesmo da cultura? O que que faz, como trabalha… Como é que você identifica uma pessoa quilombola?

**XXXX:**

Assim, eu… Eu identifico a pessoa mesmo quilombola, aquele que é não só por cor, mas por estar junto na luta com a gente, ele se dá, ele é um guerreiro quilombola, então esse eu adoto ele como quilombola. Não só por cultura, porque o pessoal aqui da cultura, primeiro, o Tambor de Crioula, eles não quiseram, assim, se inteirar muito. Agora que eles estão fazendo uns ensaios com os meninos novos. Esses meninos novos, eles hoje aqui eles estão aqui, eles querem mais é futebol, essas coisas, para não ter que buscar os mais velhos para tocar tambor. Uns já morreram… Seu Zé Pedro, que era o mestre, ele faleceu tá o quê? Com uns três anos. Mais ou menos, tem uns três anos que ele faleceu. Então… Também tem um outro Tambor de Crioula aqui da Comunidade Vizinha, que eles dizem que é Mocagituba Dois, mas é tudo só uma terra, cada qual tem a sua comunidadezinha. E eu gosto quando eles … O Wanderlei, esse é muito falado, é o mestre também. Quando ele diz assim: “eu sou Quilombola, eu sou maroto, eu sou Quilombola, eu sou maroto. Dá em um que eu dou em outro”. Quer dizer, que ele dá em outro, na cantiga, na cantoria. Ele é muito engraçado. É um negro, grande, ele é forte. [risos] Wanderlei… Mas ele canta muito. Ele já foi muito mostrar a cultura… Em São Paulo, no Rio. Já foi para um monte de lugar. Quando ele toca assim, ela vai começando, e faz: “pi, pi” e depois “pá! pá!” Com as mãozonas que ele tem. Aí ele canta.

**LUCIANE:**

E existe diferença, assim, nas funções: o que homem faz, o que mulher faz dentro do Quilombo? Com relação ao trabalho, enfim...

**XXXX:**

Sobre trabalho, as mulheres daqui, desta comunidade, não todas se inteiraram com a cerâmica. Essa cerâmica eu sei que é fundamental. Essa cerâmica ela é forte. Aqui nós temos um barro, esse barro é ótimo para fazer pote…

**MULHER:**

É argila, não é.

**XXXX:**

Essa argila daqui, da nossa terra, é uma das melhores argilas que existem. A gente faz potes, alguidares, porque de primeiro não tinha bacia de alumínio, era alguidar. Quando eu nasci, minha mãe ainda me banhou dentro do alguidar, tipo uma bacia. E acho que você já foi lá no centro de produção, já viu, não é. E agora, depois, elas foram fazendo tudo. O jarro, boneca, biata. De primeiro era só pote, não é, de botar a água, tinham uns potão, de festa, daqueles que o pessoal metia o caneco até lá no fundo, e tomava. E, e no período, não tinha ainda geladeira, não tinha essas coisas, e tomava água mesmo desses potes, e parecia tão geladinha. E hoje a gente sabe, nos acostumamos agora, e ah essa água não está gelada. [risos] Era muito engraçado. É muito engraçado. Então, e… pote, alguidares, tigelas… Antigamente, meu pai fazia era os ladrilhos que a gente chama, era tipo cerâmica, assim, de botar em casa…

**LUCIANE:**

Piso?

**XXXX:**

O piso da casa, nós fazíamos de barro. Papai fazia em uma forma, e quando estava cozidinho, aí eles iam sentando, batendo, ficava o piso da casa. Você podia lavar…

**MULHER:**

Fazia forno...

**XXXX:**

Meu pai fazia forno também de assar.

**MULHER:**

De mexer farinha…

**XXXX:**

Forno de mexer farinha. Hoje é só forno de ferro. Antes, não, antes era de tijolo. Lisinho… E vai mexendo aquele rolo, mexendo aquela farinha. Eu me lembro. Meu pai tinha um forno bem aqui.

**MULHER:**

E ele fazia muitas encomendas para outras comunidades…

**XXXX:**

E fazia encomendas para outras comunidades. Pois é…

**LUCIANE:**

Está certo… A senhora está…

**MULHER:**

As mulheres estão mais, assim, mais para as mulheres a cerâmica.

**XXXX:**

Agora ficou só para as mulheres. Eles já fazem… Só o seu Zé Elias ali que faz tijolos de assentar em casa. De descer casa.

**LUCIANE:**

Faz aqui também?

**XXXX:**

Faz bem aqui. Você passou… Bem pertinho da Neide.

**MULHER:**

E é tudo manual aqui…

**XXXX:**

Tudo manual.

**MULHER:**

Em outras comunidades, como é…

**XXXX:**

É de… em outras fábricas, é na maromba. E ele não, aqui ele faz manual. Tijolo bom é assim.

**MULHER:**

E a gente também só faz manual.

**LUCIANE:**

A senhora faz cerâmica também?

**MULHER:**

Ah, faço. Não é.

**XXXX:**

Agora, ela não tem feito muito. Ela faz na casa dela, só tem feito é boneca, é não sei o quê. Eles pararam mais de estar rodando ao redor do pote (...) Ai elas quase já não fazem… Só Dona Neide..

**MULHER:**

E todo mundo agora já sabe criar alguma coisa, tem a sua marca já. Isso aqui é de Neide, isso aqui é de Maria de Lourdes, isso é de… E cada qual…

**LUCIANE:**

E qual a especialidade da senhora ? O que que a senhora gosta mais de fazer?

**MULHER:**

Ah, eu gosto de fazer tudo. Cada hora eu crio alguma coisa.

**XXXX:**

Mas ela é mais voltada em boneca, coisas assim…

**MULHER:**

Mas eu sei fazer pote, aguidar, bilha, esse…

**XXXX:**

Mas ela não fez mais, acabou…

**MULHER:**

Moringo. É tudo, enfim. E aí a gente já vai, já está criando mais outras coisas, sabe?

**XXXX:**

E a velhice também vai chegando… Eu se der bojo em um pote, ao redor, eu caio, porque tenho labirintite. Cruz credo, ô coisa nojenta. Eu não posso estar rodando tanto. Aí eu fico bêbada. Mas quando eu estou na rodada do tambor, quando eu digo (...)

**MULHER:**

Você nem imagina…

**XXXX:**

Você nem imagina! Eu acho que o labirintite vai embora nessa hora

**MULHER:**

Mas XXXX ia dizer como ela começou, não, porque como é que ela… Depois o que eu ia dizer. Como é? Do poço do chora que você ia dizer. Aí tu parou nisso aí..

**XXXX:**

Não, o Poço do Chora, é uma água muito importante. Nossa, muito gostosa. E os pequenos aqui vem de Alcântara jogar, eles gostam muito de vir para cá, passar o dia, e vai no outro dia embora. Aí eles gostam muito. Aí eles dizem não tem água do Chora para a gente ver. É uma água cristalina, muito gostosa, ela tem um sabor muito, muito gostosa.

E lá no Poço do Chora, não é todo mundo que vai, tem que pedir licença, que tem, dizem, uns negócios de encantarias, essas coisas. Mas aqui da Comunidade, qualquer um vai, nem pede licença. Mas o povo de fora: “Eh, vovó, com licença”. Aí, por que? Porque quando é pessoas desconhecidas, dizem que tem uma encantaria, não é? Aí, tem um jeju dourado, ele bate o rabo ‘tam’, aí surge a água todinha. E dizem também que já olharam um pretinho, bem pretinho, subindo de cabeça, mas descendo de pé para cima e cabeça para baixo. Aí, quem passar lá, tem que pedir licença.

E eu tenho uma colega que ela, uma menina, que ela já foi minha aluna, aí um dia ela ia lá para uma comunidade chamada Rola, por ali, ainda pertence a Tubarão. Aí eles disseram: “Margarida, tu não pede licença!”. E ela: “eu vou muito pedir Licença! Ah, essas vovós que vão a porra!” Quando ela chegou em Tubarão, ela queimando de febre, meu Deus, vieram trazer Margarida urgente, multada...

**LUCIANE:**

Brinca…

**XXXX:**

Essa mulher ela estava… Ela brincou.

**LUCIANE:**

Brinca com a vovó. Brinca.

**MULHER:**

Mas a paródia…

**XXXX:**

Ah, Maria quer cantar a paródia. [risos]

**MULHER:**

Começa aí.

**XXXX:**

É… Pois é.

**LUCIANE:**

Como é que é a paródia?

**XXXX:**

A paródia de Itamatatioa, eu canto assim, algumas coisas que acontecem aqui na comunidade, que aconteceram, e que as pessoas as vezes não conhecem, e pela paródia a gente vai prestando atenção que existem as coisas no Itamataioa. Aì eu fiz, eu rimei assim, no som de “Asa Branca”.

**LUCIANE:**

Quero ouvir.

**XXXX:**

Você sabe qual é Asa Branca?

**LUCIANE:**

Sei…

**XXXX:**

Aí, é assim:

Itamatatioa é povoado

Que mantêm sua tradição

Todo o seu povo

É quilombola

Com muito orgulho no coração

Todo o seu povo

É quilombola

Com muito orgulho no coração

Foram os padres jesuítas

Que vieram catequizar

Com a argila.. não.

Foram os padres jesuítas

Que vieram catequizar

Essa é uma da nossa história

Que Itamatioa tem para contar

Ensinaram a nossa gente

Uma linda tradição

Com a argila

De nossa terra

Nos transformamos em artesão

Com a argila

De nossa terra

Nos transformamos em artesão

Itamatatioa é misterioso

Tem até poço que chora

Basta você chegar lá perto

Que lá você conhece a história

Basta você chegar lá perto

Que lá você conhece a história

Nós estamos orgulhosos

Com muita satisfação

Agradecemos a você

Por ouvir minha canção

[riso] Aí o pessoal gostou muito. Tem hora que eu esqueço de algum… de alguns versos. E daí, é desse jeito.. [risos]

**LUCIANE:**

Muito linda a sua canção. Gostei. Então está bom. Uma última pergunta, só para a gente ir. A senhora acha, vocês, as senhoras, acham que vocês sofrem racismo?

**XXXX:**

É, a gente, às vezes a gente tem um… Antes, a gente sofria esse negócio de racismo. Hoje, eles abraçam muito a gente. Abraçam, a gente está, os brancos “vem cá! XXXX, Neide e não sei o que!” Eles não tem mais aquele racismo lá em Itamatatioa. Antigamente, as pessoas quando iam lá no Tubarão, eles diziam “ixi, queimou! escureceu” e não sei o quê. Botavam banquinha. Hoje não. Hoje eles correm atrás da gente.

E tem outros que vem assim: “rapaz, eu gosto da negra quilombola”, “eu gosto de Itamatatioa”, aí todo o povo agora se inteirou muito. Ninguém mais tem essas superstições não. E até uma comunidade que é só branco, que está dentro das terras aqui, que é Raimundo do Sul, a isto aí era quase que uma humilhação. Hoje eles vem atrás das meninas, louquinhos, das pretinhas. Eles gostam muito. Os rapazes, eles querem namorar de primeiro a preta. [risos] Pois é, e essa parte foi acabado porque então… Teve uma vez que eles foram para uma comunidade chamada Mojo. Esse Mojo é só branco para lá. E chegaram para dançar, eles não deixaram dançar com os brancos de lá. Os pretinhos queriam puxar, e eles “xô urubu!” Era assim. Hoje não. Hoje eles não têm mais esse preconceito com a gente. A hora que olham a gente, estão abraçando, estão… Porque enfim. A gente é negro, essa pele aqui, mas o sangue nosso é um sangue forte.

**LUCIANE:**

Com certeza.

**XXXX:**

É um sangue forte.

E nós somos fortes. E o nosso espírito também. Somos de espírito forte, não é? Você não se acha?

**LUCIANE:**

Com certeza.

**XXXX:**

[risos] Pois é. Como é teu nome mesmo?

**LUCIANE:**

Luciane.

**XXXX:**

Luciane.

**LUCIANE:**

Isso.

**MULHER:**

Vem de onde?

**LUCIANE:**

Do Rio de Janeiro.

**XXXX:**

Rio de Janeiro. Eu tenho muitos parentes, colegas, conhecidos do Rio de Janeiro. Muita gente daqui. Oh, família ali de Dona Canuta que trabalham tudinho quase no Rio as filhas. Estão todas lá, tem filho. E eu tenho também as minhas comadres, as minhas amigas. A madrinha de Ribinha do Vereador, não é? Ela morava no Rio de Janeiro. Nossa, quando ela chega aqui, ela chega muito feliz. Ela pede para ele ir lá. E ele ainda não teve a oportunidade. Ele é muito ocupado também.

**LUCIANE:**

E Ribinha é firme na luta Quilombola?

**XXXX:**

Ah, é!

**LUCIANE:**

Não mudou não depois que virou vereador?

**XXXX:**

Não! De jeito nenhum! Tudo que vai ter na comunidade ele está dentro, está por dentro. E agora ele ganhou um projeto de… para arrumar. De calçamento, não é? Esse calçamento é de bloquete, não é? Aqueles de blocos..

**LUCIANE:**

Sei, sei…

**XXXX:**

Porque aqui como é quilombola não pode ser asfalto. Aí tem que ser assim as ruas aqui. Aí ele vai fazer, vai arrumar. E a estrada que está de altos e baixos, daqui para o final do ano, se Deus quiser, ela está pronta. Porque, assim, ele foi o primeiro ano… Então, é assim: ele foi, esse já é o segundo mandato. No primeiro mandato, aqui eles têm quase que uma discriminação quando você “eu sou prefeito. Como você não me carregou nas costas, não andou comigo, eu não tenho nada a ver com você”. Lutou para fazer projeto. E era coisa… E, assim, ele se sentia fora. Eles, eles não humilhavam assim ele. Mas ele sentia aquilo, aquele impacto. E o prefeito não gostava dele, porque ele fazia tanta besteira, fez tanta besteira, que as escolas até fecharam. O tal de Araquém, era um branco que veio daí de não sei das quantas. De Santa Inês que ele era. Aì, ele veio, se candidatou aqui, o povo tão de olhos vedados, votaram nele. Ah… Isso foi uma surra. Foram 4 anos de sofrimento. Foi… Aí depois se candidatou um filho de Alcântara, que nos comícios… Eu quero que ele cumpra o que ele disse. Que ele se sentiu, que o pessoal alcantarense, que nasceu em São Luís, em Pinheiro. Porque toda a maternidade não prestou mais.

**MULHER:**

Não tinha mais alcantarense. Não tinha mais filho de Alcântara.

**XXXX:**

Não tinha mais.. Os filhos deles choraram quando não tiveram umbigo.. não são de verdade filhos Alcântara.

**LUCIANE:**

Da terra, não é?

**XXXX:**

Da terra natal… E ele disse que ainda tinha um. Que ele nasceu aqui mesmo nesse período tinha um bom hospital. Agora ele está lutando, tentando. Porque ele não tem um ano de mandato.

**MULHER:**

Nove meses.

**XXXX:**

Está com nove meses. Mas ele está trabalhando. Está trabalhando aqui, ali. Pelo menos a escola… Ele ainda não fez outra mas, enfim, os funcionários é em dia. Tem uma turma que recebe dia 30, todo mundo. Tem a turma de professor que é dia 30 também. Eu acho que é dia 30 também. Não é? Tem até, hoje, tem monitor de transporte. A minha filha é monitora de transporte. É… Hoje, estava só tendo reunião de professor. Hoje não teve. Ai agora a tarde ela vai buscar os alunos em casa, no ônibus junto. O motorista vem, volta para entregar, tudinho.

**LUCIANE:**

Que ótimo.

**XXXX:**

Os meninos estão sapecas que ela me diz “mamãe”. Eu digo “vai domando eles”. É assim, pois é. E aí está funcionando escola, está tendo merenda, merenda mesmo, comida mesmo.

**MULHER:**

Almoço.

**XXXX:**

É almoço. Porque às vezes chega em casa, diz eu vou mudar, vou fazer uma sopa de galinha com arroz. Faz aquela sopa. Aí no outro dia eles estão dizendo hoje tem almoço! E biscoito ele manda. E o suco, não é suco de pacote, é fruta mesmo natural. Polpa de bacurí, polpa de tudo. Está indo. Até aqui está legal. Os médicos que não vinham na comunidade, eles vêm. Não tem ainda o posto, mas se Deus quiser a gente vai meter o pé daqui entre esses três anos que ele ainda vai, a gente vai conseguir. Já está mais ou menos um posto médico. Aí, eles vem para a escola. Vacina, tem tudo. Ou quando não, é lá na pousada de Santa Teresa. Essa também foi um projeto que a Santa Teresa ganhou. Como é, que a Associação ganhou. E é assim, minha querida. Itamatatioa vai, ela não vai indo mal não. Ela já foi aos empurrões, na época desse prefeito. Agora, não. Ela está caminhando. Devagar mas está.

**LUCIANE:**

Que bom.

**XXXX:**

Nesse período, Ribinha não teve nem como fazer nada. A única coisinha que ele fez era consertar a estrada. Pedia a máquina e eles não mandavam. Ia para outros lugares, destinava para outros lugares, e não trazia a máquina. Agora não. A gente está aguardando e essa semana, Ribinha o presidente da Câmara, junto com o prefeito, eles foram receber uma (...) aqui, uma carregadeira, receberam uma ambulância. Mais uma ambulância. Cada vez, o Governo Flávio Dino tem parceria com o prefeito aí. Esse prefeito aí de Alcântara que ele é jovem também, não é. Porque Anderson só tem 30 e… Quantos anos Anderson tem, Creusa?

**MULHER:**

32

**XXXX:**

32, 33 anos.

**LUCIANE:**

Que é o prefeito?

**XXXX:**

O prefeito.

**LUCIANE:**

Ele é bem novinho.

**XXXX:**

Ele é bem novo, ele tem uns 33 anos.

**HOMEM:**

35.

**XXXX:**

35 anos. Ele é uma pessoa branca, mas aberta.

**LUCIANE:**

Sei…

**XXXX:**

Agora lá funciona, o Cras. Inclusive a neta de Dona Neide, a filha de Cleude, aí Ribinha estava ligando: “E, mãe, está faltando uma assistente social aqui na Comunidade, a gente queria tanto..” “Meu filho! A neta de Neide, a filha de Cleude.” Aí, liguei logo, agora é assistente social lá do CRAS. Tem, a gente chega lá no Cras, e é muito bem recebido, tem vários funcionários. Tem pessoas também…

Está funcionando da agricultura a tudo. Tem casa agrícola, tem não sei o quê, tudo está funcionando. Está funcionando e a gente chega no hospital, se não encontrar dois médicos, mas pelo menos 1. Fica médico de plantão, sábado, domingo. Todo dia que você vai. Aí já tem umas 3 ambulâncias agora. Tem uma que às vezes viaja para São Luís, outra para Pinheiro, e eles arranjaram uma, mais um convênio, com Pinheiro, no hospital de Pacas, faz tudo. Todo tipo de… Faz raio x, mamografia, tudo, enfim.

O que que acontece? O médico quando ele acha necessário, ele consulta, e a gente vai na secretaria de Saúde, eles preenchem um documento e tal, e depois eles ligam. Eles ligam mais é para mim: “XXXX, para mandar tal fulano esperar o carro na beira” Eles dão carro, dão tudinho. Levam, esperam. Quando não faz o… esse ano eu já fiz uma mamografia por lá nesse hospital. É só a gente dar entrada lá, sem demora eles chamam. Tal dia é teu exame, tal dia é teu exame. É tão bom. E todo povo, ninguém mais foi para São Luís para ter esse Raio x, mamografia, não sei o quê, tomografia. Assim..

**LUCIANE:**

Já dá para ter aqui mais perto, não é?

**XXXX:**

É…

**MULHER:**

E cirurgia, não é..

**XXXX:**

Aí eles levam a gente sem um centavo. Não é a ambulância que vai, é um carro que pessoas que prestaram, é… andaram com ele na campanha, aí ele decretou que vai ser… Tu tem uma van, vai fazer linha. Tu também tem? Vai fazer linha. E a gente não paga nenhum centavo. A única coisa que a gente paga é levar o dinheiro da sua merendinha. Tem um monte de pessoas vendendo, aí a gente merenda. Enquanto não termina todo mundo… Tem a moça lá que é responsável. Lá a gente não fala nada, só para o médico lá dentro. Aí me dá aqui o seu documento, me dá, e recolhe tudinho. Aí, bota lá no balcão e preenche tudinho. Aí olha, tu é para aqui, oncologista, nesta sala. Aí ela quem saí distribuindo a gente, tudinho. Ela que é a pessoa, a mulher de Jocó, que faz isso. Porque Jocó quem fazia as mídias de carro de som. Aí cada pessoa que trabalhou com ele, ele deu um serviço.

**LUCIANE:**

Entendi.

**XXXX:**

Pois é, e Alcântara é terra que tem muito amor, também, pela cidade de Alcântara. Aí, cada coisa a gente vai fazendo uma é…

**LUCIANE:**

E a senhora hoje vai caminhar para colher assinaturas?

**XXXX:**

Ah, colher assinaturas! Por causa do projeto que a gente tem. E porque se nós formos, avisa fulano que é para tu ir na reunião, às vezes não vem. Pois eu vou nas casas, que elas estão ocupadas. “E, o que está fazendo?” “Fazendo de comer”, “me dá a sua assinatura aqui”. E vou nas casas coletar. Eu vou nas casas de todo mundo ainda hoje. Eu vou colher assinatura.

**MULHER:**

Qual é o projeto?

**XXXX:**

O projeto esse… de como é? De meio ambiente. Os projetos do Quilombo de Borges. Aí eu vou ter que sair hoje, porque eu sou a secretária. [risos] Eu quem tenho que trabalhar com o papel.

**MULHER:**

Mas passar nessas casas tudinho, dá conta hoje?

**XXXX:**

Dou.

**LUCIANE:**

E eu vou com ela. Caminhar, engrossar as pernas. Aí as quilombolas tem tudo perna grossa, só as minhas…

**XXXX:**

Não, tem muita gente de perna fina.

**MULHER:**

Você vai viajar quando?

**LUCIANE:**

Sexta feira eu volto para São Luís.

**MULHER:**

Ah, não vai passar a festa aqui?

**LUCIANE:**

Não vou…

**XXXX:**

Não, Maria, a festa está longe, faltam quinze dias.

**MULHER:**

Porque me falaram ali que ela ia passar a festa com a gente.

**LUCIANE:**

Pois é, planejei mal a vinda.

**XXXX:**

Era para vir, ela estava saindo de lá esse final de semana para vir aqui. Acompanhava tudo!

**LUCIANE:**

Pois é…

**MULHER:**

Tudo, tudo…

**LUCIANE:**

Pelo menos eu peguei a saída da Santa..

**XXXX:**

Ah, você está desde ontem!

**LUCIANE:**

Eu estou desde de anteontem. Cheguei segunda.

**XXXX:**

E eu ainda não tinha te visto… Estava na casa de quem?

**LUCIANE:**

De Neide.

**XXXX:**

Aqui na casa de Neide?

**LUCIANE:**

Isso.

**XXXX:**

Mas eu não vi. E eu estive na casa de Neide quando? Ontem.

**MULHER:**

Eu falei com uma menina. Eu perguntei “quem é aquela pessoa?” Ela disse: “uma moça que está em casa de Neidoca”.

Ainda vai ver a chegada da Santa.

**XXXX:**

Porque nas pesquisas tem tal terra assim, assim…

**LUCIANE:**

Isso, é. Eu conheço o Davi.

**XXXX:**

Ah, Davi é meu sobrinho! É. Eu sou irmã de Tetê.

**LUCIANE:**

Eu estudei com Davi lá nos Estados Unidos. Conheci ele lá.

**XXXX:**

Ele está fazendo, ele está fazendo… Está terminando lá o…

**LUCIANE:**

Doutorado.

**XXXX:**

O Doutorado. Lá em…

**LUCIANE:**

Isso. Em Austin, no Texas não é? Então, eu terminei em 2014 lá. Aí, cheguei a conviver com ele lá um pouquinho.

**XXXX:**

Ah, Davi é muito… Eu adoro ele.

**LUCIANE:**

É. Aí eu estou fazendo esse trabalho agora sobre ações anti racistas, não é? Resistência da Comunidade, como é que a comunidade resiste, não é? Aì o Davi já tinha me falado do MABE e da luta de vocês aqui com a cerâmica. Aí quando o professor me pediu: “tem que selecionar 10 casos”. Eu falei: é para Itamatatioa que eu vou.

[risos]

**XXXX:**

Aí quando você for falar com Davi, você fala eu fui na casa da sua tia XXXX.

**LUCIANE:**

Vou falar, vou falar.

**XXXX:**

Aí ele vai dizer “ai, minha tia XXXX tem história!” [risos]

**LUCIANE:**

Isso. Quando eu estava vindo para cá, depois que eu desci do Ferryboat e peguei a van, encontrei um primo. Não sei se é primo ou se é irmão. O João Queimado.

**XXXX:**

Ah, o João Queimado é primo.

**LUCIANE:**

É primo. Ele perguntou “para onde você está indo”. “Eu estou indo para Itamatatioa”. “Casa de quem?” “Casa de Dona Neide.” “Pois é minha prima, diz para ela que eu sou João Queimado, e lhe dê um abraço.”

**XXXX:**

Ele estava indo para São Luís?

**LUCIANE:**

Não, ele estava vindo de São Luís.

**XXXX:**

Ah, vindo de São Luís. Aí vocês vieram. Ele mora ali na estrada..

**LUCIANE:**

Isso, ele desceu antes. Ele disse “quando eu descer, já está perto de você descer também lá no Pote”.

**XXXX:**

Lá no Pote. Mas alguém estava te esperando?

**LUCIANE:**

Era para estar Cleita me esperando mas Davi esqueceu de avisar Cleita..

**XXXX:**

Meu deus!

[risos]

Se ele tivesse me avisado… Esqueceu Davi...

**LUCIANE:**

Aí eu fiquei lá sentada um pouco, aí o cara falou “Cleita não está aí não, ela vai demorar, quer que eu te leve lá?” Só que o menino estava bebendo, de moto, eu falei, a não estou confiando. Aí fiquei lá mais um pouquinho. Aì passou um. Aí “oh, estou indo para lá, vai com ele”. Aí eu vim de moto com o menino, nem lembro o nome dele. Aí vim embora.

**MULHER:**

Ficou bastante na mangueira…

**XXXX:**

Não era esse aqui não, não é?

**LUCIANE:**

Não, não… Era um clarinho, magrinho, clarinho. É.

**XXXX:**

Aí, trouxe você. “Eu quero ir para a casa de …” Eu não sabia.

**MULHER:**

Aí nunca tinha vindo aqui?

**LUCIANE:**

Não

**XXXX:**

Mas ontem eu estive na casa da Neide..

**LUCIANE:**

Ontem? Que horas a senhora foi, de tarde?

**XXXX:**

Não, eu ia a noite verificar a minha pressão com Denise.

**LUCIANE:**

Ah, não… Eu estava lá de noite. A tarde eu passei no centro de Produção de cerâmica, fiquei lá a tarde inteira com elas…

**XXXX:**

Olhando...

**LUCIANE:**

Olhando… Coisa linda. selecionando lá umas pecinhas para eu levar para o Rio de Janeiro...

**XXXX:**

Antigamente, a gente amassava esse barro era no pé. Tchu, tchu, tchu. Hoje, é.. você está na maromba agora, não é? Ou ainda está assim? Na máquina agora. Antigamente a gente pisava com os pés. Fazia aquele rolo aí de bolo, botava aí, tirava pedrinha por pedrinha, nodulozinho por nodulozinho… nózinho. E ficava massa. A gente amassava na mão. Agora para a gente fazer um porte, fazia as tiras, das tiras fazia a bundinha do porte, ia descendo, assim.

**MULHER:**

Foi um prazer.

**LUCIANE:**

Ah, foi um prazer. O prazer foi meu.

**MULHER:**

Vai quando?

**LUCIANE:**

Sexta feira.

**MULHER:**

Ah, sexta feira. A gente ainda vai se ver…

**XXXX:**

Santa Teresa chega hoje. Você vai ver como as cacheiras vão encontrar. Vão encontrar, vem, dançam na Igreja, voltam. Não vai nem sair comigo. O sol está quente eu vou sair de sombrinha.

**LUCIANE:**

É, se eu for, eu vou perder as cacheiras, não é?

**XXXX:**

Quando você, minha filha, diz que vou só arrumar as coisas aqui, vou merendar, para eu poder sair, com a Denise. Mas eu vou.. aqui o povo do lado é rápido?

**LUCIANE:**

É?

**XXXX:**

Só vou até lá no Bacurezeiro, volto, faço até lá no coisa.. ali. Até a saída do cemitério. Aí já colhi bastante assinatura.

**LUCIANE:**

Ah, eu quero ir com a senhora.

[risos]

Conhecer…

**XXXX:**

Pois é. Eu ainda tenho que merendar para eu não sair …

**LUCIANE:**

Isso, isso… A senhora vai lá na Denise pegar as coisas?

**XXXX:**

Antes eu vou na Denise. Vou só fazer uns telefonemas aí para uma pessoa que eu vou… Vou colher um negócio dele, aí eu vou só fazer esse telefonema para… Para poder sair. Tomar um banho, sair fresquinha, e merendar antes de sair. Eu tenho hora para sair, mas para voltar…

**LUCIANE:**

Isso…

**XXXX:**

Pois é. Diga para Neide, para Denise que eu ainda vou. Para não se preocupar...